



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário: Manuel Virginio Pires

Povo Algarvio — Tavira

Ex.º Sr.

Biblioteca Nacional

Serviço de Depósito Legal

Lisboa 2

SEMANARIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

QUEM ACODE AO BAIXO PREÇO DA ALFARROBA DO ALGARVE?

O autor do artigo do «República», de 6 do mês passado, afirma que os produtores de alfarrobas algarvias, ao pretenderem um preço equivalente ao que actualmente as fábricas e comerciantes de Itália pagam aos lavradores italianos, insinua que pretendemos cobrir o «déficit» de outra produção com o rendimento da alfarroba.

E acrescenta que «tal pretensão é tentadora, pois a alfarrobeira quase não dá trabalho nem canseira, encarregando-se a «madre-natura» de a encher de fruto quando o

O PINTOR LYSER FRANCO VAI SER HOMENAGEADO EM FARO

Um grupo de admiradores do saudoso Professor e Artista, que durante cinquenta anos leccionou em quase todos os estabelecimentos de ensino da capital algarvia e deixou uma obra digna de apreço, resolveu, de acordo com a Câmara, constituir-se em comissão para ampliar a homenagem que aquela entidade resolveu, levar a efeito, na sua sessão de 5 de Novembro do ano findo, de dar o seu nome a uma Praceta.

Deste modo foi elaborado um projecto pelo Arquitecto dos Serviços Técnicos da Câmara de Faro, sr. Alfredo Carlos Villares Braga, e em que figurará, o medalhão com o retrato do homenageado, executado pelo falecido escultor Raul Xavier.

A Comissão é constituída pelos senhores Juiz Conselheiro, João Bernardino de Sousa Carvalho, Major Mateus Martins Moreno Júnior, Dr. Humberto José Pacheco, Dr. António Miguel Galvão, Dr. Joaquim Rita da Palma e Capitão Rafael Pedro Pereira.

Associamo-nos a tão justa quanto significativa homenagem, pois deste modo a cidade de Faro irá saldar uma dívida para com que tanto a amou e enalteceu.

TEATRO

DE HENRIETTE MORINEAU EM FARO

No próximo dia 16, às 21 horas e 45 minutos, terá lugar no Cinema de Santo António, da capital algarvia, um espectáculo teatral da grande artista Henriette Morineau, um dos maiores valores do teatro francês.

Tudo se congrega para que o espectáculo, na elegante sala farense, se revista de extraordinário brilhantismo, de harmonia com o valor da excelsa artista que Faro tem a honra de receber.

Antes do início do espectáculo, usará da palavra o sr. João Pinto Dias Pires, director do Grupo «Teatro dos Amadores de Faro» — o TAF, como é vulgarmente designado.

E findo o mesmo espectáculo, em cena aberta, será prestada merecida homenagem à ilustre artista, com a presença de delegados, representantes e componentes dos grupos de teatro das várias colectividades do Algarve que a tal arte se dedicam, e onde falará o sr. Dr. Emílio de Campos Coroa, Director do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve.

Tudo se conjuga, portanto, para uma grande noite de Teatro e de homenagem a Henriette Morineau, mensageira sublimada da eterna, por imperecível, cultura da França.

A CASA DO ALGARVE E O DIA DO TURISTA

Colaborando com o Secretariado Nacional de Informação a Casa do Algarve, em Lisboa, tal como já fez o ano passado, resolveu no próximo dia 20 de Abril — Dia do Turista — oferecer um bebereje e distribuir, fotografias e lembranças do Algarve a 40 ou 50 turistas estrangeiros, a que gentilmente enviara convite.

Registamos a interessante iniciativa que mais uma vez vincará na memória dos turistas o nome da nossa provincia.

tempo vai de feição e o lavrador de a contrariar, varejando-a, para que o fruto acabe o processo de maturação no solo, inutilizando uns 30% da produtividade da árvore, segundo os melhores cálculos, o que se

Continua na 2.ª página



Aspecto de uma das ruas de Cachopo num dia festivo.

A NOVA CASA DO POVO DE CACHOPO

Hoje, desloca-se à aldeia de Cachopo a fim de dar posse à Comissão Directiva da nova Casa do Povo daquela freguesia, o sr. dr. Ilídio Fernandes das Neves, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho do Distrito de Faro.

A Comissão é constituída pelos srs. Manuel Rodrigues Gomes, presidente; Custódio da Luz Brás, secretário; José dos Santos Custódio Pereira, tesoureiro.

A cerimónia da entrega do alvará terá lugar pelas 15 horas, no edifício da escola mista de Cachopo.

A criação do referido Organismo nesta freguesia, é recebida com bastante regozijo, em especial pela classe trabalhadora.

À VARANDA DE LISBOA «ABRIL EM PORTUGAL»

É de todos conhecida a extrema amabilidade dos portugueses para com todos quantos visitam o País, amabilidade que os leva por vezes a extremos de recepção, capazes de produzir no espírito dos visitantes certa confusão, devida ao excesso de atenções para com pessoas que, de facto apenas se recomendam pela

circunstância de serem visitantes.

Ainda agora, bem recentemente, a convite do «Diário Popular», vieram a Portugal algumas dezenas de estrangeiros, de diversos países, os quais tanto em Lisboa como nas provincias, foram obsequiadas com extremos de atenções, que singularmente os penhoraram. Só há, por tal facto, que louvar quantos a tais manifestações de simpatia se entregaram, pois as suas atitudes recaíram sobre todo o nosso País.

Continua na 2.ª página

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO



INTERROGAÇÕES SOBRE TURISMO

Querendo continuar a ser fiéis a este arreigado bairrismo que nos leva, semanalmente, a tomar contacto com os leitores do «Povo Algarvio», através destas mal alinhavadas «Crónicas de Lisboa», somos muitas vezes forçados a escrevê-las, aqui ou além, para que continuem a chegar ao Jornal com relativa pontualidade. É que as nossas crónicas são por assim dizer o elo que nos prende à distante Tavira.

Por isso, vibrando das saudades que elas nos despertam, ousamos demorar-nos na contemplação de coisas mais adivinhadas que sentidas, como

que alheados da hora presente. Continuam, pois, a entretecer-nos a alma uns restos de nostalgia — não sabemos se da terra dos nossos amores ou daqueles que por lá ficaram ou de nós mesmos que hoje nos surpreendemos a vaguear em

Continua na 3.ª página

1.º Concurso de Canções sobre FARO

A Comissão Municipal de Turismo de Faro promove o 1.º Concurso de Canções sobre Faro, cujo prazo de entrega dos originais termina em 31 de Maio.

Foi elaborado um regulamento que pode ser solicitado àquela entidade pelos interessados.

COISAS DA PRIMAVERA

N'ESTE mês de Abril, sob o céu côr de jacinto selvagem, vendo madriar ao longe os verdes trigos e a aveia seivosa e tenra, quem não sente na alma borbulhar poemas, quem não recorda com saudades os panoramas víçosos dum paraíso perdido?

Foi assim, nesta elisia disposição de espirito que certo professor primário empreendeu o passeio matinal para a aula e, ai chegado, propôs, entre os trabalhos do dia, uma redacção sobre qualquer assunto primaveril.

Os pequenos escritores em germe, afanosos e graves, ou fanfarrões e distraídos, elabo-

ram as quantas linhas do caderno que lhes pareceram bastantes.

Entregues os trabalhos, e procedendo à crítica dos mesmos, o professor lia e lia, descontente.

As flores, os ninhos, os campos, os pequenos animais rurícolas abundavam na semelhança de chapa litográfica.

A par destes, surgiam em quantidade apreciável, as considerações de ordem cronológica:

O tamanho e regularidade dos dias, a duração desta passagem do ano, com as datas precisas do principio e fim indicavam os meninos afectos

Continua na 4.ª página

MISSA CAMPAL no C. I. S. M. I.

Realizou-se ontem às 11 horas no Quartel da Atalala, com grande assistência, uma missa campal, que se seguiu de Comunhão Pascal da Guarnição Militar do C. I. S. M. I.

O acto foi oficiado por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo do Algarve a que assistiu o sr. general Pereira de Castro, Comandante da 3.ª Região Militar, Comandante do Centro, restantes oficiais da guarnição, entidades civis e militares do concelho e muitos convidados.

DO CASAMENTO E DO MATRIMÓNIO

É este o título de uma conferência que o distinto advogado algarvio e nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. dr. Carlos Picoito, fará em breve, na sala da nossa Biblioteca Municipal, a convite do Grupo Cultural de Tavira.

Outras palestras serão anunciadas para breve de que na devida altura informaremos os nossos leitores.

INTERCÁMBIO LUSO-AMERICANO

Até ao dia 20 de Abril, o American Field Service em Portugal continua a aceitar inscrições de famílias portuguesas interessadas em receber um estudante norte-americano, do ensino secundário, durante os meses de Julho e Agosto.

As famílias deverão ter um filho ou uma filha entre os 16 e os 20 anos de idade. É necessário que pelo menos um membro da família fale sofrivelmente o Inglês. A família deverá receber e tratar o jovem americano como se ele fosse mais um membro da família.

As viagens dos Estados Unidos até à casa da família com quem o estudante vai viver, o seguro contra doenças e acidentes e o dinheiro de bolso, são pagos pelo American Field Service.

Este intercâmbio cultural provou já, e continuará a provar, ser um verdadeiro passo em frente no sentido de uma maior compreensão entre a juventude dos diversos países do mundo.

Quaisquer informações podem ser pedidas à secretaria do American Field Service em Portugal, Av. dos Estados Unidos da América, 94, 13.º — C Lisboa-5. Telefone 769556, das 15 às 19 horas.

TAVIRA TURÍSTICA



Parque Municipal e o velho relógio da cidade

Quem acode ao baixo preço da alfarroba do Algarve?

Continuação da 1.ª página

não faz em parte alguma, nem sequer em Marrocos!»

Ora vamos lá responder por partes:

O custo da produção da alfarroba é um dos engulhos que a indústria tem atravessado na garganta. Há anos uma comissão estudou tal custo e chegou à conclusão de que ele era efectivamente de 8\$00 por arroba.

Porém, o custo que ao lavrador interessa é o custo completo, visto que aquele não entra em consideração com o juro do capital fundiário, formado pela Terra e arvoredos, e, além disso, constituir um fundo de reserva para o replantar quando ele entra na decrepitude.

Para saber quanto custa uma arroba de alfarrobas actualmente, nós não consultámos a Repartição de Estudos Agronómicos e das Relações Exteriores da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas a quem compete, entre outros assuntos, o estudo do custo de produção dos produtos agrícolas.

A esta Repartição recorremos para saber até que ponto poderíamos praticar, sem prejuízo para o capital investido e para o juro da sua justa remuneração, a venda da alfarroba, e se justificaria a plantação de mais alfarrobeiras para aproveitamento do solo inculto no barrocal algarvio.

O referido foi conduzido de forma a dividir os terrenos em quatro classes de produtividade, conforme a sua aptidão para a cultura da alfarrobeira, como a seguir se indica:

1.ª classe: solos planos (declives de 0 a 5%), de fertilidade média a boa e bem drenados;

2.ª classe: solos de meia encosta (declives entre 5 a 15%), sem pedras ou totalmente despedregados, de fertilidade média e boa drenagem;

3.ª classe: solos de meia encosta, cujas características não permitam a sua inclusão na 2.ª classe e solos de encosta parcialmente despedregados ou subsolados;

4.ª classe: barrocais propriamente ditos (não despedregados) e xistos de encosta não subsolados.

Nas contas de cultura, feitas pela referida Repartição, de colaboração com o *Posto Agrário de Tavira*, e dada a dificuldade de calcular, com rigor, o preço do custo da alfarroba, em virtude desta árvore andar geralmente associada a outras espécies arbóreas, como a amendoeira, a figueira e a oliveira (fazendo-se ainda, como norma, cultura arvense sob coberto), pois só no caso do barrocal pedregoso, com mato, é que ela se faz em cultura estreme — adoptou-se um artifício que consistiu em estimar o número de árvores que um hectare de cultura ordenada poderia comportar, em boas condições técnicas, calculando-se, nesta base, os encargos médios prováveis e os correspondentes rendimentos.

Dentro desta ordem de ideias indicou a referida Repartição, para cada uma das classes de produtividade dos terrenos, o número e o custo dos «jornais» de homens gastos com poda, com a cava debaixo das árvores, a distribuição do adubo, a desmoita e o varejo, — note-se que não fala na apanha à mão, directamente da árvore — assim como os «jornais» de mulheres empregadas na apanha e as geiras de muars gastas com a lavoura, gradagem e transporte. Adicionou-lhe o valor do adubo empregado, o seguro do pessoal, a contribuição predial, os gastos gerais e as despesas de administração

e obteve o total das despesas efectivas.

Por outro lado determinou o juro do capital fundiário (terra e plantação de 3,5% ao ano, o juro do capital de exploração circulante, de 6% ao ano, desde a data do pagamento das despesas até à venda da alfarroba, que é em geral em Outubro, e ainda o fundo de reserva ou cobertura de riscos, de 2%, e conseguiu apurar despesas totais que divididas pela produção média anual, conduziram aos preços de custo completos que indicamos, na parte final em confronto com os preços de custo achados por nós, depois de algumas correcções que indicamos oportunamente.

Quando em 1962 recebemos este estudo, alterámos os salários dos podadores de 22\$00 para 30\$00, dos homens de lavoura e varejo, de 20\$00 para 25\$00 e os das mulheres, de 11\$00 para 16\$00. Mas em 1963, já pagámos os salários dos homens a 30\$00 e o das mulheres a 20\$00. Ora no cálculo do custo de produção da alfarroba, em terras de 3.ª classe, com os salários dos homens a 30\$00 e os das mulheres 20\$00, por que os pagamos no ano passado, chegámos à conclusão que o preço de custo completo de 1 arroba de alfarrobas subiu além dos 28\$00.

Tivemos recentemente notícias que os homens, no concelho de Loulé, exigem 33\$00 e 34\$00 por dia, que é o preço porque os pagam no trabalho das estradas. Deste modo, os custos de produção por arroba não estão calculados em excesso — antes pelo contrário. E não há que admirar que os trabalhadores peçam salários cada vez mais elevados, o que se explica pela sua rarefação. Não é decerto desconhecido, como ainda recentemente o foi afirmado no Parlamento, que no Algarve, não só a emigração legal mas até a clandestina, apenas deixam para os trabalhos do campo os velhos, algumas mulheres e as crianças.

O que nos faz pasmear é que, perante a escassez tão grande da mão-de-obra rural, o administrador da fábrica de moagem de grão de Faro se tenha lembrado de alvitrar que se evite o varejo da alfarroba e antes se faça a apanha à mão, ou se deixe cair de madura!!!

Já fez as contas e já calculou qual era a quebra do volume que o «rabisco», mais ou menos clandestino, produziria, se os produtores estivessem à espera que toda a alfarroba caísse no chão, ou então, onde se iria arranjar pessoal para apanhar da árvore, e à mão, a alfarroba?

Fala assim talvez, porque, habituada a ver máquinas automáticas fazerem o trabalho da moagem da grão, julgará que existe a mesma facilidade na apanha dos frutos...

Temos presente um artigo de Gil Brazino, de Loulé, em que justamente profliga as opiniões insensatas do industrial de moagem, com um ano de antecedência, e sob o título «no limiar da agonia»... «Como a Lavoura não pode exceder determinado limite remunerador, e a mão-de-obra exige mais, esta desaparece — emigra ou foge para outras ocupações — o lavrador retarda o trabalho, fazendo parte dele por suas mãos, mas espicaçado pelo tempo e pela ladroagem, lá recorre aos menos aptos, aos semi-invalidos, sempre na ânsia de se poder salvar, o que dificilmente consegue...»

E, como esta vai muito grande, publicamos os cálculos

Abril em Portugal

Continuação da 4.ª página

Contudo, é conveniente não cairmos em certos exageros, que, aliás, neste caso se não verificaram, mas que, mais de uma vez, têm dado aos nossos visitantes a falsa impressão de que em Portugal nos deixamos deslumbrar pelo simples facto de vermos, dentro das nossas fronteiras, individualidades de outros países.

O que, inegavelmente, se torna necessário é que todos nós, os habitantes do País, nos esforcemos ao máximo por tornar agradáveis a quem nos visita, os dias que entre nós venham passar.

Lançou o SNI, a campanha tendente a trazer a Portugal, este ano mais turistas. E, efectivamente, na primeira experiência levada a efeito, os visitantes de Portugal, muitos dos quais só de nome conheciam o nosso País, ficaram encantados com a terra, com o clima, com a luminosidade do céu e, acima de tudo, com a gentileza de recepção, que lhes foi proporcionada por todas as classes sociais, não sendo exagero afirmar-se que as manifestações mais cativantes, e por todos mais apreciadas, foram as do povo anónimo, que na sua intuição soube atingir o alcance de tal visita, sob os seus aspectos de propaganda turística e de valorização de Portugal e dos seus habitantes.

É natural que, mais cedo ou mais tarde, se venham a colher os frutos da sementeira realizada. Portanto, devemos agradecer a todos, os esforços dispendidos e a inteligência de que deram provas, ante pessoas habituadas a um turismo de profundidade, em que Portugal pode desempenhar um papel singularmente importante.

Vejo nos jornais que a Espanha, que desde há muito vem encarando a sério os seus problemas de turismo, recebeu, no primeiro semestre deste ano, mais do que aquele milhão de turistas, que entre nós é ambicionado para todo o ano em curso.

Que será preciso para tanto? Apenas seguir o exemplo do país nosso vizinho, isto é, fazer aturada propaganda das nossas belezas naturais e dos nossos monumentos que encham de evocações históricas todos os recantos da nossa terra, e saber mostrar tudo isso, com naturalidade, a todos quantos nos derem a honra de nos visitar.

Convençamo-nos de que os estrangeiros apreciam muitíssimo mais tudo o que fica sucintamente enunciado, do que «arranha-céus» e outras extravagâncias de que, em muito maior escala possuem nos seus países.

Saibamos valorizar tudo quanto a mãe-natureza nos

comparativos em 1962, com as rectificações do juro do capital fundiário de 5%, idêntico ao que pretende o proprietário urbano, que vende as suas alfarrobas para comprar casas em Almada e na Amadora!!!

Deste modo, somos obrigados a deixar para o próximo número o cálculo detalhado do que será a demonstração prática do que é a crise da lavoura da alfarroba e dos seus custos de produção.

Um Lavrador

oferece na sua inesgotável magnanimidade, e mostremo-lo aos nossos visitantes, que ficarão reconhecidos por assim terem sido tratados, com inteira simplicidade e com as cores da verdade, que eles desejam surpreender acima de tudo.

Se assim procedermos, podemos ter a certeza de que todos os nossos visitantes ficarão encantados com o nosso País e com a sua gente, que tão simpaticamente, soube recebê-los.

João Valério

FEIRA DE ABRIL em SEVILHA

nos dias 21 a 26 de Abril

Por motivo desta feira, a C. P. tem à venda nalgumas estações (entre as quais, Elvas, Entroncamento e Lisboa (Santa Apolónia) por via Badajoz, e Beja, Évora, Faro, Lagos, Lisboa (Terreiro do Paço), Setúbal e Vendas Novas, por via Vila Real de Santo António), bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para Sevilha.

Período de venda: 16 a 26 de Abril.

Validade para regresso: 21 de Abril a 1 de Maio.

CALCINA

O NOVO LIGANTE HIDRÁULICO DESTINADO A ARGAMASSAS PARA ALVENARIAS, EM FUNDAÇÕES E ELEVAÇÕES, E PARA REBOCOS,

— PERMITE: —

PERFEITA TRABALHABILIDADE
BOA ADERENCIA
AUSENCIA DE FISSURAS
EXCEPCIONAIS RESISTENCIAS
ECONOMIA

Destinada a embaretecer as construções, a

CALCINA

tem a garantia da Companhia Cimento Tejo, a maior fábrica de cimento da Península Ibérica.

Peça informações comerciais e técnicas à

Empresa de Cimentos de Leiria
Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

ou aos seus Agentes:

Marcelino Augusto Galhardo
TAVIRA

COBRANÇAS DIFICEIS

Em Lisboa e província, trata

JOSÉ PEREIRA ESTEVES

Travessa dos Arneiros, 15 r/c Esq. LISBOA - Benfica - Telef. 70 04 91

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Essinal o «Povo Algarvio»

Agradecimento

A família de Pedro do Carmo Mendonça, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, e a todos que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

TIPOS DE PRODUTIVIDADE			Custo de produção completa			
Classe	Valor venal de 1 ha.	Prod. de uma árv. em arrob.	Repartição de Estudos Económicos		Nossa Correção	
			Número de árvor.	Custo por arroba	Número de árvor.	Custo por arroba
1.ª	70 000\$00	6	45	19\$40	45	24\$20
2.ª	55 000\$00	5	50	19\$40	50	25\$20
3.ª	30 000\$00	2	70	23\$70	70	28\$90
4.ª	20 000\$00	1	100	20\$80	70	36\$00

Crónica de Lisboa

Continuação da 1.ª página

novos rumos e cada vez mais «isolados» nesta multidão agitada que povoa Lisboa; Nostalgia da terra agora sempre distante? Saudades de um passado já morto onde antevimos glórias num futuro que se apresenta difícil apesar das investidas que teimosamente lhe fizemos?!

Estamos a escrever esta crónica à noite, sentados sobre as pedras desse grandioso Terreiro do Paço agora quase deserto e à luz mortiça dum candeeiro de iluminação pública, enquanto as águas do formoso Tejo vão correndo silenciosas para o Mar!

Ao longe, recortam-se no claro da noite as silhuetas de alguns dos nossos barcos de guerra, enquanto as velas airosas duma fragata coriam a esteira luminosa da Lua, a lembrar uma estrada de luz na serenidade das águas!

As gigantescas figuras do pedestal da Estátua de D. José — e ele mesmo imponente no seu majestoso cavalo — parecem dormir na clara solidão da monumental Praça desta lindíssima Lisboa, onde as sombras, nas arcadas, são apenas manchas escuras duma bela aguarela pintada por mãos de artista!

Passam agora escassos automóveis e ali perto, no cais, continua o eterno formigueiro daqueles que mais tardiamente vão travessar o Tejo, nos cacilheiros para a outra banda! É a hora, talvez, em que mais apetece sonhar sob a magia de uma réstea de luar, a esbater-se no Rio, tanto mais belo quanto é certo que a luz da iluminação pública não lhe consegue tirar qualquer brilho. Por isso a nossa saudade é verdadeira de mais para ser apenas literária como alguns poderão pensar — tentem mais verdadeira quanto só agora reparamos na distância que nos separa das terras do Sul!

Acabemos, porém, estas primeiras linhas pueris e sentimentais, que só encontram acolhimento na noite e no ambiente em que são perpetradas e levantemos uma pontinha do véu que nos levou a escrever estas linhas:

— A hora que passa parece não ser de molde a que os assuntos que interessam aos Homens, às cidades ou às ideias, se compadeçam com promessas que nunca mais se cumprem!...

Vive-se hoje em Portugal sob o signo do Turismo, uma vez que só agora, — parece — ter-se reconhecido que ele representa, para nós, uma das principais fontes de divisas, sobretudo para os Países que, como o nosso, foram dotados por Deus de belezas e encantos mil.

Dir-se-ia que só agora o nosso Céu é tão azul... o clima tão ameno... as praias tão maravilhosas... o folclore tão rico! Pertende-se fazer de um dia para o outro o que há tantos anos já alguns clamavam aos quatro ventos, sem que os seus brados encontrassem eco em parte alguma!

Fomos daqueles que há muitos anos, falando do Algarve e das suas praias, do seu clima privilegiado, da fina areia das suas costas, da suavidade e quietude do seu mar, outra coisa não fizemos que não fosse «bradar no deserto»!

Felizmente que os «ventos» são hoje mais propícios! Que os homens e as instituições já acreditam no valor do turismo como fonte de receita e por conseguinte uma razão de prosperidade para o Estado.

Se estas verdades não oferecem contestação, pergunta-se: — Porque razão a «burocracia» continua a atrofiar, demorando inexplicavelmente todas as iniciativas oficiais e particulares que visam apenas

a «melhoria de condições» para que o Turismo Nacional tenha assinalado êxito?

— Porque motivo (reportamo-nos aqui especialmente à nossa terra), tudo se tem feito para contrariar a possibilidade de valorização de Tavira como Zona de Turismo, sabido, como é, que possui motivos especiais que a recomendam — como poucas — à preferência de nacionais e estrangeiros?

... Praia maravilhosa! Campo e serra de paisagem bucólica onde o Vale da Asseca, com os seus Moinhos da Rocha e o Vale do Almargem, com a mata nacional à sua beira, são outros motivos de encantamento! As suas águas termais da Fontinha da Atalaia! O espectáculo (único do Mundo) da pesca do Atum! O estuário do Gilão, com as «Quatro-Águas» cheias de poesia, quando, à tarde, as velas brancas das sacadas, rumo ao Mar, lembram gaivotas a brincar no Rio! As condições especiais ímpares na sua costa para a prática da pesca desportiva! Etc. Etc.!

Se Tavira tem às mãos cheias tantos motivos de encantamento, porque não tem concretização o desejo de ver a sua Ilha desafectada?...

Porque não ver aprovado o plano de urbanização da sua Praia de banhos? ... Porquê a não autorização para a construção da ponte para a Ilha?!

Se existe em Tavira quem deseja construir hotéis e pensões que possibilitem o Turismo (... não há Turismo onde não houver bons e abundantes alojamentos...) porque não permitir a construção dum hotel de 10 ou 15 andares (!) se há quem não se importe de arriscar os seus capitais, uma vez que acreditam sinceramente nas possibilidades do Algarve como zona privilegiada?...

Não!... Há aqui «qualquer coisa» que não está bem! Há aqui como que a quase certeza de que fadas más lançaram o seu «mau olhado para Tavira», tocando apenas com a «varinha mágica da sorte», outras localidades da província onde tudo decorre «como num Céu aberto!...

Fala-se no Algarve! Fala-se no Turismo algarvio! Antevêm-se festas por toda a parte durante o «Abrilem Portugal» e inexplicavelmente esquece-se o «País das Amendoeiras e das Costas de Ouro», como se essa fosse a província algarvia onde o Sol menos brilha... e o clima é mais rigoroso!!!

Mas não admira! Ainda há pouco, como «escrivinhador» destas Crónicas, procuramos avistar-nos, em Lisboa, num organismo com responsabilidades, com alguém com quem pudessemos trocar impressões sobre a vantagem de ver o Algarve incluído, com relevo nas Festas do «Abrilem Portugal».. e fomos recebidos num corredor... sem resultado!...

Ainda o nosso bairrismo nos levou a outro departamento no sentido de pôr à sua disposição a nossa colecção de motivos fotográficos de Tavira e do Algarve, — alguns inéditos — para os ceder como elemento de propaganda para a nossa terra e a nossa província... «e não nos puderam receber!...

Por isso repetimos: Para quê promessas que não se cumprem? A hora que se vive é de realizações, mas de realizações imediatas, não a longo prazo. O Tempo é Dinheiro! Parar é morrer! E nós, portugueses, no capítulo Turismo continuamos ainda parados à espera de um empurrão forte! Mãos à obra!

Noticias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Lucilla Domingues, D. Maria do Carmo Leiria Correia, D. Emilia Victória Correia, D. Maria da Estrela Victor dos Santos, D. Maria Francisca Rosa e os sr. Francisco do Nascimento Rocha Junior, Bernardino dos Mártires Mateus, Damião Cândido de Andrade e José Pedro Victor.

Em 13 — D. Maria dos Prazeres Santos Farrajota Luciano, D. Isabel Vaz Rodrigues, D. Maria Odete de Oliveira Romeira e a menina Ilda do Nascimento Trindade.

Em 14 — D. Gertrudes Laranjo Conceição, D. Maria Stuart de Jesus Conceição Pinto Salgado, D. Beatriz Fernanda Padinha Contreiras, D. Teresa Silva Rosa e o sr. Joaquim do Nascimento Evangelista.

Em 15 — D. Basilisa das Dores Brito e D. Maria dos Mártires Correia Matos.

Em 16 — D. Engrácia Mendonça do Carmo, D. Francisca Quaresma, menina Adelina Bernardette Gonçalves Trindade, sr. Manuel Florival Arrais Gaspar e os meninos Rui Carlos Barradas Maritins Peres e Luis Miguel Clara Arnaut Pombreiro.

Em 17 — D. Maria Luisa Falcão Barradas Carvalho Simão, D. Maria Cecília Aniceto Ramos, D. Raquel Campina Guerreiro, menina Maria José de Jesus Brito, sr. José Aniceto Gago e o menino Alberto Sebastião Neves Marinheiro.

Em 18 — D. Maria José dos Santos Esteves e os sr. Dr. Carlos Leonardo Madeira Gomes, Zacarias da Fonseca Guerreiro, José Rodrigues Felício e Custódio Sebastião Rodrigues Rosa.

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta cidade, onde veio passar alguns dias, a sr.ª D. Maria Carlota Ribeiro Galvão, nossa assinante na capital.

— Esteve nesta cidade onde veio passar a Páscoa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José João Santos Soares, funcionário da Companhia Portugal e Colónias, em Lisboa.

— Com sua família também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, doutor médico em Lisboa.

— Encontra-se em Lisboa, a nossa assinante sr.ª D. Virginia Chaves Ramos, poetisa tavricense.

TRESPASSA-SE

O Restaurante-Bar «O Pescador», com óptima esplanada e bem apetrechado, em Olhão.
Tratar com Adelino da Costa, Rua Dr. Teófilo de Braga, 38 - Telef. 532 — OLHÃO

Pela Imprensa

Jornal de Arganil

Entrou no 39.º ano de publicação este nosso prezado colega órgão de defesa dos interesses da importante região de Arganil, que se publica sob a inteligente direcção do sr. Francisco Castanheira de Carvalho.

Por tal motivo endereçamos-lhe as nossas mais cordiais saudações com votos de longa vida para o seu jornal.

A Nazaré

Completo dois anos de vida este prezado colega da imprensa regional, que se publica na Nazaré, dirigido pelo sr. Serafim Bravo Quadrado.

Felicitemo-lo com votos de muitas prosperidades para o seu jornal.

Defenda-se vacinando-se contra certas doenças tais como: Varicela, Tétano, Difteria, Coqueluche e Parelisia. Todas as vacinações são feitas gratuitamente, nas Subdelegações de Saúde, nos dias úteis.

Vende-se

Propriedade rústica.

Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes, Rua 5 de Outubro n.º 27 — Tavira.

Evite que o seu filho contraia certas doenças vacinando-o contra elas

AGRADECIMENTO

Ao Ex.º Sr. Dr. Francisco de Campos, distinto Médico na Luz de Tavira.

Francisco Rogério da Silva Neto, vem, por este meio, patentear o seu profundo reconhecimento ao Ex.º Senhor Dr. Francisco de Campos, pela forma atenciosa e competência profissional com que sempre o tem tratado durante várias doenças de que tem sido acometido.

Que lhe releve esta atitude, que de certo modo poderia feir a sua peculiar modestia, mas não podia de forma alguma calar por mais tempo este expressivo brado de consciência.

Muito obrigado, pois, senhor Dr. Francisco de Campos.

Instituto de Beleza JUSTINA



A proprietária cumprimenta as suas Ex.ªs Clientes e tem o prazer de lhes comunicar que mudou as suas instalações para a Rua dos Mouros, 22 — frente ao seu antigo salão — onde espera merecer a honra das suas visitas

«O novo Instituto de Beleza Justina»

completamente remodelado e apetrechado com a mais moderna aparelhagem espera-vos minhas senhoras na

Rua dos Mouros, 22 - TAVIRA

TRICANA

CARPETES · TAPETES · PASSADEIRAS · ALCATIFAS

TAPEÇARIA REGIONAL DE COIMBRA, LDA

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-A (ao Monumental)

LISBOA-1

ENGOMENDAS AO GOSTO DO CLIENTE
SERVIÇOS DE LIMPEZA E RESTAURO

TELEFONES 73 63 14 - 5 15 25 - LISBOA

NECROLOGIA

D. Maria da Conceição do N. Santos

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria da Conceição do Nascimento Santos, de 92 anos de idade, natural de Tavira.

A falecida era mãe dos sr.ª D. Maria Isaura dos Santos Marreiros Neto, D. Ilda do Nascimento e D. Maria Clotilde dos Santos Oliveira e do sr. Policarpo Nascimento Santos.

D. Marcelina Rodrigues

No passado dia 31 de Março, faleceu na sua residência, no sítio da Arroteia (Luz de Tavira), a sr.ª Marcelina Rodrigues.

A finada era viúva e contava 82 anos de idade. Era mãe dos sr.ª José Sebastião e Joaquim Sebastião, ambos proprietários e avós dos sr. António Indalício Sebastião Correia, chefe dos C.T.T. na Fusetas, Rogério Sebastião Correia Neto, agente de cais da Administração Geral do Porto de Lisboa, Carlos Simplicio dos Freitas Sebastião, funcionário dos Serviços Técnicos dos C.T.T. e José Correia de Freitas, proprietário.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsames.

Dos Livros

H. M. S. Ulysses

de Alistair Mac Lean

Muitos são os livros que têm relatado combates no mar. A literatura está cheia dessas proezas dramáticas que têm coberto de sangue e dor os mares de todo o mundo. Raramente, porém, a emoção de uma batalha naval terá atingido os paroxismos da que Alistair MacLean — o célebre autor de *Os Canhões de Navarone* — descreve neste seu novo livro.

As personagens são imorredouras e típicas da Marinha Real Inglesa.

Este é um romance que exige atenção para o seu estilo narrativo e para a comovedora evocação da dívida contraída pela velha Albion para com estes bravos que foram, uma vez mais, o seu escudo protector.

Tradução de António Valadas. Editorial Estúdios Cor, Colecção Cor de Bolso, 368 páginas, Esc. 25\$00.

Bola de Sebo e A Casa Tellier de Guy de Maupassant

Dar título a um volume de contos e novelas envolve sempre um certo perigo de injustiça relativa. A regra é escolher, para esse fim, o título do trecho que se considere de maior valor literário, o que logo condena os restantes a um inevitável obscurcimento. As novelas *Bola de Sebo* e *A Casa Tellier* são, inegavelmente, duas obras-primas (da primeira disse o grande crítico Albert Thibaudet que nunca Maupassant a excedeu pela razão simples de que não é possível exceder a perfeição) mas não devem fazer esquecer todos os admiráveis contos que se lhes seguem nos volumes a que, originariamente deram o título. Momentos alios da criação de um grande escritor «Bola de Sebo e A Casa Tellier têm companhia condigna em páginas que, por si só, valeriam a celebridade ao seu autor.

Ao apresentar, pela primeira vez em Portugal, as «Novelas e Contos Completos de Maupassant» quiseram os editores contribuir para que o grande discípulo de Flaubert seja reconduzido entre nós, ao lugar que de justiça lhe cabe — o de um dos maiores contistas de todas as literaturas.

Tradução de J. Belchior Viegas. Introdução de José Saramago. Editorial Estúdios Cor, 432, páginas, Esc. 40\$00.

Livros

e Revistas

Jornal Feminino — recebemos os n.ºs 151 e 152 desta interessante e bem redigida revista portuguesa de actualidades.

Nelas vêm apresentados alguns assuntos de interesse cultural, artístico, literário e cinematográfico que interessa a todos.

FOI num dia dos fins de Março, quando o vento gelado do Bósforo soprava sobre toda a cidade de Constantinopla que Habd-ul-Hamid, todo o dia fumando o seu narguilé, mandou vir jornais para ler. Ai, entre outras notícias, viu que os turistas seriam trazidos nas palminhas, no dia 20 de Abril; que Portugal era um país ideal, com muito sol, temperatura razoável, muitas flores, muitas canções, muitas pessoas agradáveis, e lpetiscos excelentes.

Habd-ul-Hamid tinha falta de todas estas coisas e dinheiro de sobra para o seu espírito inventivo.

Recordou-se de velhas relações entre o seu país e o nosso e pediu que lhe extraissem, dos armários de livros, alguns que se pôs a consultar, para tomar conhecimento com os Portugueses. Infelizmente os livros eram de há séculos mas Habd-ul-Hamid não fez reparo. Estudou certas relações diplomáticas que existiram entre os dois países, viu notícias geográficas e comerciais e em tudo se encontrou satisfeito.

Planear uma viagem a Portugal, onde passaria o 20 de Abril, não foi empresa difícil.

Na altura própria, meteu-se no avião, desceu aqui e ali, nas estações da carreira, e ei-lo, por fim, chegando ao nosso aeroporto.

Ninguém o perturbou nem incomodou pessoa alguma. Quando, todas as formalidades cumpridas, os viajantes desabelharam para adonde os seus destinos, Habd-ul-Hamid dirigiu-se ao bar.

Com requintes de elegância e uma afectação notável, murmurou ao empregado:

— Turgimão... Este, instintivamente olhou para as mãos do viajante e disse a outro:

— Parece que diz que torceu a mão mas não vejo.

O viajante repetiu: — Turgimão! — e acompanhou o sorriso de um ar contrafeito.

O pá, olha que ele diz torci mão, mas deve ser bebida ou tabaco. Procura se tens para aí, que eu não vejo.

— Minakian knar hanoum djemal turgimão! repetiu o sujeito já um pouco sério.

Os rapazes do bar, em péssimo inglês, responderam que não sabiam. Habd-ul-Hamid não sabia inglês, nem francês, e ficou um bocadinho desconfiado, mas com muito bom modo começou a passear pela sala e a murmurar, à direita e à esquerda, o seu «turgimão», como se, cadeiras e mesas lho pudessem apresentar.

Para questão que não compreendem, os rapazes recorrem sempre a uma conclusão: — O tipo é maluco!

Hamid, cada vez parecia menos satisfeito. De degrau em degrau, a irritação crescia e as sobrancelhas já pareciam onduladas como um til. O dorso curvado e cansado, sobre o balcão, com o indicador um pouco curvo apontava para um buraquinho do mármore e repetia pela centésima vez:

— Turgimão, shah Scim, Turgimão, djelmid!

— É coisa pequena! — concluiu o empregado — e cabe no buraco da pedra, mas não sei o que possa ser.

— Algum diamante que lhe roubaram na viagem, queres tu apostar?

E os rapazes, fartos de ouvir o eterno «turgimão» em todos os tons, começaram a reparar para a indumentária do estravagante personagem, a ver se lhe descobriam botão ou anel com falta de pedras.

Por seu lado, Hamid estava já tão irritado por não satisfazerem o seu justo pedido, no país cuja amabilidade tinha ouvido encarecer, que dava murros nas mesas e atirava com as cadeiras, na esperança de que o compreendessem a mal

já que não iam a bem.

Chegando o dono do bar, e posto ao facto do acontecimento, levou pelo braço o irascível freguês, a passear com ele diante dos armários, para assim ver se deslindava o pedido.

Não o conseguindo, seguiu o parecer dos seus empregados e declarou o viajante transtornado da cabeça.

Este, sempre murmurando a mesma intrigante palavra, aproximou-se da porta onde de papo para o ar, o filho do dono do bar lia histórias de quadrinhos, às escondidas do pai.

Mal o viu, Habd-ul-Hamid repetiu a pergunta que a todos dirigia, numa aflicção crescente:

— Turgimão?!

O petiz sorriu e mostrou compreender.

— Turgimão? — repetiu carinhoso, segurando na mão agitada de Hamid.

— Turgimão! — confirmou o viajante.

E o rapazinho entrando com ele, foi ao pé do pai e explicou, todo prazenteiro.

— Este senhor é turco e precisa dum língua que saiba falar com ele.

— Mas quem te disse isso, meu pedaço de sábio? — tornou o pai desconfiado.

O pequeno, apontando para a história de quadrinhos:

— Aqui é que aprendi que os turcos antigos, dos tempos dos navegadores, para falar com os portugueses, precisavam dum intérprete e lhe chamavam turgimão.

— Na história de quadrinhos! — pasmo o pai — então isso não servia só para escola de crimes?

COISAS DA PRIMAVERA

Continuação da 4.ª página

aos fenómenos científicos, de preferência à observação das fontes de emotividade ou pura estética.

La já quase no fim da leitura, e não chegava o comentário pessoal, a marca duma observação puramente nativa.

E o professor agastava-se, temia por um futuro onde a força se sobrepusesse à imaginação ou onde o espírito imitativo fizesse fracassar o impulso natural da sinceridade, quando, finalmente, no último caderno a ver, se lhe deparou com as considerações inusitadas e espontâneas que tanto desejava.

Declarava o escrevente:

A primavera enche os campos de flores para prometer às pessoas os bons frutos do Verão, mas, de caminho, vai-nos impingindo dias feios e de muita chuva e às vezes até nos aplica muito mais frio que o Inverno.

Ciclismo em Tavira

Hoje, realiza-se na excelente pista do Ginásio Clube de Tavira um interessante festival de ciclismo, para a inauguração da presente época.

Defrontar-se-ão as equipas do Sporting Clube de Portugal com os seus melhores ases — João Roque, José Pacheco, Albano Ferrer e Daniel Ferreira e a valorosa equipa do Ginásio Clube de Tavira que já apresentará o seu ciclista Sérgio Páscoa, há pouco regressado do Ultramar.

As provas serão de eliminação, critério e em linha. Também se realizarão provas para populares e amadores, tendo o festival o seu início pelas 16 horas.

Esta prova está despertando grande interesse no meio desportivo porquanto ela será um motivo de estudo de valores para outras competições que se seguirão. Deste modo o Ginásio oferece aos seus adeptos uma excelente tarde desportiva esperando que o público saiba corresponder ao seu gesto.

Assinal o «Povo Algarvio»

O MELHOR POEMA

EM breve, nas estantes das livrarias, estará à venda o livro de versos da nossa conterrânea, a senhora D. Virginia Guimarães Chaves Ramos.

Estes, embaladas no seu pensamento, passaram depois à gaveta, entre os papéis dos seus mais íntimos apontamentos. Um dia, mostrou-os a pessoas de família e amigos que a animaram a publicar. Modestamente, a princípio, não se entusiasmou por aí além, mas, depois, um alegre «porque não?» foi-se adensando e a ideia passou às diligências para a execução do inocente designio que, dando margem a um pequeno lucro, serviria para beneficiar alguma obra de caridade. Este ideal derrubou todas as hesitações e dúvidas, criou corpo e asas, e o livro é um facto.

São poemas delicados e simples, de feição tradicional, onde transparecem, como em hialinos cristais puríssimos, as qualidades morais e afectivas da alma nobre onde brotaram.

Uma sólida piedade cristã, o amor da família, a amizade dos que lhe são queridos, a devoção à terra onde nasceu, as flores e os sorrisos, as coisas delicadas e queridas, de todos os espíritos bem formados, inspiraram estas páginas.

Mas, de todas as estâncias que nos oferece, o poema que acima de todos resalta é o da bondade do seu coração diamantino.

A forma literária não apresenta aspectos novos, é certo. As flores, com que a Primavera nos brinda, também não trazem cambiantes e formas que nos surpreendam e, contudo, encham de vivo encanto aqueles que as admiram.

Com o aparecimento do novo livro está a cidade de parábens porque conta nos seus pergaminhos mais uma poetisa, que para se afirmar bastaria ter escrito a quadra tão espontânea e bem construída:

O Tempo corre, não cansa,
Mas, por mil vidas que houvera,
Perduraria a lembrança
Duma amizade sincera.

É pena que o espaço de que o jornal dispõe não permita a transcrição integral de algum dos seus poemas.

O rendimento liquido da obra, destina-o generosamente a Autara, ao Lar da Criança.

A edição é feita na Tipografia «Povo Algarvio», pois a Senhora D. Virginia Guimarães Chaves Ramos, quis, que, em homenagem à sua terra, o seu livro aqui fosse composto e impresso.

O título, que talvez não tenha razão de ser, (não tem mesmo, com toda a certeza), «Sol-Pôr», desejamos que se torne, antes, a alvorada da sua vida literária e que esta seja longa e fecunda.

Candeias Nunes «O Tempo e os Sinais» — Coleção «A Palavra» n.º 6

É duma atraente simplicidade a edição desta coleção de poemas concebidos sob o signo que se convencionou chamar Bossa-Nova. Mas, francamente, para poemas sem pontuação, estruturados de imagem após imagem, invertidos e anatómicos, um livro à maneira trivial, com folhas e páginas, capa e títulos, tudo conforme o uso consagrado pelos costumes, não condiz com o conteúdo.

As modernas originalidades poéticas requerem edições de aspecto e talhe absolutamente imprevisto.

Desejariamos dar aos leitores alguma informação sobre este trabalho, talvez bastante valioso, mas tão longe nos encontramos do eixo das divagações poéticas do A. que o que, sobre ele diríamos, não seria, a bem dizer, um acerto.

Transparece nas frases ou nos fragmentos de frases a ideia de recorrer a novas formas que definam o clima poético do temperamento do autor, certamente muito jovem ainda para encontrar o equilíbrio que ele próprio deseja e procura, por atalhos distantes, num dédalo emaranhado de estravagâncias.

Quando o fruto da sua «procura» amadurecer, quando encontrar o livre e vasto oceano onde vão necessariamente desaguar todos os regatos, por mais enseios e meandros que os desniveis os obriguem a descrever, há-de reconhecer e saborear a simplicidade inata da verdadeira poesia que já não sofre torções na ideia, já não salta as poldras da pretensão nem se perde nas areias costeiras do preconceito da originalidade. Se perseverar, se se castigar, se se exigir, conseguirá encontrar o que tanto anseia e merece.

RECORDAÇÃO!

É noite!
As estrelas brilham no céu!
e os meus olhos brilham nos teus!
Oh! estou apenas a recordar!...

Olhos! Cheios de amor e paixão,
Falando-me ao coração.
Nessas noites d'encantar...
Oh! Não! Estou a recordar!...

Tu! Luz da minha vida,
Unico ente da minha alma adormecida!
Fugiste! E eu, perdida,
Só! Nesta maldita vida!

LILA



Misericórdia de Tavira — Serviços Clínicos para o mês de Abril.

Enfermarias — Drs. Carlos Palma e Gonçalo Pessanha.

Consula Externa — De 1 a 15, Dr. Carlos Palma, às 17 h. De 16 a 30, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 h.

Aos domingos e dias feriados não há consulta.

Consulta Dispensário do I. A. N. T. — De 1 a 15, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 h. De 16 a 30, Dr. Carlos Palma, às 8 h.

Cirurgia Geral — Consultas em 4 e 18, Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia Mental — Consulta em 25, Dr. Manuel da Silva, às 15 h.

Oftalmologia — Consulta em 12, Dr. Artur May Viana, às 10 h.

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana.

Hoje, apresenta para maiores de 12 anos, Alamo, em Cinemascope Technicolor com John Wayne e Richard Widmark.

Quinta-feira, para maiores de 17, Ele, Elas... e os Espiões, com Eddie Constantine e Françoise Brinn. Em complemento, O Espelho de duas faces, com Michele Morgan e Bourvil.

Sábado, para maiores de 12, O Rei dos Reis, em Cinemascope Technicolor com Jeffrey Hunter e Siobhan McKenna.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Montepio.

LEILÃO

de remessas transportadas por Caminho de Ferro

No dia 20 de Abril corrente, e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirar-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro - Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 16 do corrente, das 10 às 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.



CICLISMO

Prova de preparação

Realizou-se no passado domingo mais uma prova de preparação para a categoria de amadores juniores, cuja classificação ficou assim estabelecida:

1.º Henrique Neto, 2.º José Madeira, 3.º Elentério Antunes, 4.º Manuel Francisco, 5.º João da Palma, 6.º Bernardino Fernandes, todos do Ginásio.

Campeonato Regional de Clubes

No percurso, Faro, Cruzamento da Guia, Faro, e na extensão de 76 kms., disputa-se hoje, o campeonato regional de clubes, para iniciados. A partida da 1.ª equipa, está marcada para as 9,30 h. e a 2.ª 15 minutos depois.



ENCONTRA-SE em exposição no átrio da Escola, alguns trabalhos executados por alunos, alusivos à quadra da Páscoa. Esta exposição, que contém alguns trabalhos dignos de realce, manter-se-á até 20 de Abril corrente.

Os alunos desta Escola foram convidados a participar nos primeiros Jogos Florais da Guiné organizados pela Mocidade Portuguesa, e em homenagem ao falecido Governador africano Honório Barreto.

DESDE o principio de Outubro de 1962, e em regime de intercâmbio escolar, isto é, com isenção de franquia, os alunos enviam 370 cartas e encomendas de saudação a colegas de outras escolas, e receberam 192 missivas de igual carácter.

CONTINUAM a decorrer pela cidade, aulas de desenho com o fim de ser aumentado o arquivo escolar, referente aos lindos motivos arquitectónicos de pedra, que ornamentam muitos dos nossos prédios. Desta forma, também esses alunos se aperfeiçoam no desenho ganhando interesse pelo património cidadão, e ao mesmo tempo chamam a atenção a muitos moradores, para a beleza artística do meio em que vivem e do respeito que tais elementos de arte a todos deve merecer.

Dentro de algum tempo, será levada a efeito em Tavira, uma exposição desse arquivo artístico.

TOTOBOLA

31.ª jornada 19/4/964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Olhanense — Setúbal	1
2	Académica — Leixões	x
3	Barcelense — CUF	1
4	Seixal — Guimarães	1
5	Braga — Covilhã	1
6	Famalicão — Beira Mar	2
7	Felrense — Salgueiros	1
8	Leça — Sanjoanense	x
9	Oliveirense — Espinho	1
10	Vianense — Marinhense	1
11	Oriental — Atlético	x
12	Beja — Portimonense	1
13	Lusit V. R. — Farense	x

Jorge Cruz

Este número foi visado pela Delegação de Censura